

INTRODUÇÃO

A leitura tem sido objeto de pesquisa para bibliotecários, pedagogos, lingüistas, literatos, sociólogos e psicólogos, dentre outros profissionais, e para entender a amplitude do tema, é necessário nortear-se sob o foco de variadas referências científicas.

Atribui-se à biblioteca, à escola e à família, a responsabilidade pela introdução e fomentação do gosto pela leitura, o que contribui para o desenvolvimento do indivíduo como agente formador de opinião.

A motivação para realizar um estudo sobre a contação de histórias e, mais especificamente, sobre a sua influência na formação do leitor, teve início com o seguinte problema de pesquisa: saber se a contação de histórias interfere na formação do leitor.

Como a criança se torna leitor competente e formador de opinião, com gosto por ouvir histórias? Quem está ocupando o papel de contador de histórias que incentiva o gosto pela leitura-leitor? O pai? A mãe? O bibliotecário? O professor? Outras pessoas fora do âmbito escolar e familiar?

Almejando responder a essas indagações realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo, fundamentada nos pressupostos teóricos, com o propósito de alcançar o seguinte objetivo: identificar a influência da contação de histórias na formação do leitor competente para ler e compreender as condições humanas e científicas. Este objetivo, por sua vez, desdobrou-se em: a) distinguir as formas de aplicação da contação de histórias; b) conhecer o perfil do leitor/ouvinte de histórias; c) investigar a influência da Biblioteca na para a formação do leitor.

O problema desta pesquisa, de acordo com o recorte feito por meio da escolha dos objetivos propostos, tem significativa relevância para a área da biblioteconomia considerando a importância em conhecer o perfil acadêmico em três grandes áreas do conhecimento: Humanas, Biológicas e Exatas, além da invasão tecnológica acontece cada vez mais rápida, junto novas ferramentas e principalmente a internet que também aumenta cada vez mais o volume de informações a serem lidas, assimiladas, e compreendidas. O que cada vez mais se torna necessário o hábito da leitura, e principalmente, a compreensão do que se lê.

A grande maioria do referencial teórico apresentado situa-se no campo da formação do leitor através de dinâmicas de incentivo à leitura, que aborda situações de valorização do ato de ler para que haja compreensão

Segundo Lajolo (2004) nenhuma pessoa nasce sabendo ler, é preciso aprender e a medida em recebe-se informação aumenta o grau de compreensão. O hábito e gosto pela leitura é construído aos poucos, fortalecendo o raciocínio lógico e proporcionando uma leitura de mundo. É importante ler, porém mais importante é saber contextualizar o que se leu.

Para alcançar os resultados pretendidos, foi elaborado um questionário^[1] com variáveis relacionados, a prática da leitura, prática da audição de histórias e a frequência em bibliotecas em processo de formação intelectual.

O estudo demonstrou-se apropriado porque exemplifica de melhor forma a relação de cada indivíduo com relação a sua formação como leitor suas práticas e seu hábito de leitura que foi adquirido em sua formação intelectual e a teoria aqui explicitada

A intenção é apresentar a análise do desenho cultural por amostragem do indivíduo como leitor através de suas práticas de leitura que foram implantadas através de atividades de incentivo, seja da família, da biblioteca ou da escola.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 A importância social da contação de histórias

Nos primórdios da humanidade, antes do aparecimento da escrita, a transmissão de conhecimentos era feita através do recurso da oralidade. Estes conhecimentos eram passados de geração em geração, contando especialmente com a memória. Desta forma, a cultura de um povo era passada e armazenada na mente daqueles que eram os responsáveis por transmitir o conhecimento.

A transição da oralidade para a escrita fez parte de uma evolução natural. O homem passou para a fase dos registros, retratos da fala, e alterou substancialmente suas mensagens que chegaram ao convívio das crianças através da literatura adaptada e moldada em toda a sua linguagem, em sua estética, acrescida de magia, mas com a sua essência conservada, apesar do longo caminho percorrido.

Ainda hoje, existem culturas que transmitem suas histórias através da oralidade e cujos registros ainda estão nas mentes dos chefes das tribos. O costume de narrar mitos e histórias em reuniões ao redor da fogueira ou no interior das cabanas ao anoitecer, é muito peculiar das sociedades tribais do mundo todo e essas ações são cruciais para manter viva a tradição e os vínculos sociais.

Esclarece Benjamin (2000), que a comunicação é uma forma de transmitir cultura, cultivar através dos tempos o que o homem faz ou produz. Essa metodologia de comunicação que garante a continuidade da cultura dos povos, de geração a geração, costumes, experiências, normas, dá-se, sobretudo, através das manifestações da literatura oral ou contação de histórias.

Nações e povos são em grande parte as estórias que nutrem a si mesmos. Se eles contam a si mesmos estórias que sejam mentiras, sofrerão as conseqüências futuras. Se contarem estórias que enfrentam suas próprias verdades, libertarão a sua História para florescimentos futuros. (BEN OKRI. Apud LUBA, Alba^[1])

As histórias sempre estiveram muito próximas das pessoas, em todos os momentos da evolução humana. A arte de contar histórias, proveniente da tradição oral, representa mais que um desenvolvimento intelectual, pois relaciona-se profundamente com o encontro interior e com questões íntimas compassadamente com o mundo exterior através de histórias ouvidas.

Tahan (1961), destaca que tanto no presente como no passado existe uma poesia de voz. Esta inspiração traz diversas funções igualitárias e rítmicas pela expressão. Por vários aspectos existe a tradição da oralidade na vida cotidiana, no ensino, no testemunho judiciário, na consulta médica. A transmissão oral, quando impressa em forma de poesia, dá primazia ao ritmo sobre o significado, da ação sobre a representação, percebendo sempre a influência da contação de histórias na vida cotidiana de cada um. A oralidade, esta diretamente ligada as expressões humanas de comunicação que interligam a transmissão de conhecimentos

Sobre a narrativa, como uma forma artesanal de comunicação, discorre Benjamim (2000): “os camponeses e os marujos foram uns dos pioneiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram”. A narrativa relaciona-se com a contação de histórias que sempre esteve ligada à oralidade dos povos, independente da classe social e de sua cultura, a contação de histórias, favorece a aproximação das pessoas e promove além do bom relacionamento a transmissão de tudo que se aprende e deixa um tom de romantismo e integração do ser humano..

Há séculos, as histórias permanecem na imaginação do adulto e da criança. São contos de fadas, fábulas, lendas e mitos, narrativas de tradição oral que, derrubando fronteiras e limites, continuam vivas na memória das pessoas que um dia as conheceram, por se tratar de um “fenômeno antropológico”, de acordo com Coelho (1994), que ultrapassa limites e significados literários, tornando-se parte da própria história do homem, e que permanece ligado à sua oralidade, transmitindo informação.

1.2 A contação de histórias no desenvolvimento da criança

Histórias são importantes para o desenvolvimento das crianças e na formação do leitor, pois possibilitam a oportunidade de projetar seus próprios pensamentos e sentimentos com o de personagens que podem, de certa forma, estar passando pelos mesmos problemas daquele que ouve e ou lê a história. Além disso, permitem que o indivíduo explore suas dúvidas e questionamentos para chegar a um entendimento e à construção de um raciocínio lógico.

Para Abramovich (1991), ouvir histórias é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar idéias para solucionar questões. A criança em processo de aprendizagem, que busca neste mundo de imaginações o seu verdadeiro mundo, poderá obter rumos que despertem a consciência crítica.

As histórias podem influenciar o gosto pela leitura, estimular o desenvolvimento psicológico e moral, enriquecer o vocabulário, ampliar o mundo de idéias e aumentar o conhecimento.

Quando Coelho (1994), reforça que, constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, percebe-se que a narrativa contribui e desperta o senso crítico.

Coelho (2000), discorre que um dos pontos altos de contar histórias é o lúdico, a recreação, porém, a importância da contação de histórias vai além de tais atividades. Por meio delas, é possível enriquecer as experiências infantis, desenvolver as diversas formas de linguagem, ampliar o vocabulário, formar o caráter e desenvolver a confiança na força do bem, proporcionando àquele que ouve viver o imaginário e atingir o conhecimento e a compreensão do mundo.

A história também tem o poder de estimular o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a da comparação entre figuras e a história contada, o pensamento hipotético, divergente ou convergente, o raciocínio lógico, as relações espaciais e temporais, pois toda e qualquer história é composta de princípio meio e fim. Os enredos das histórias também são, geralmente, organizados de forma a utilizar um conteúdo moral com a possibilidade de interferência das ações das personagens que colaboram e difundem a construção da ética e da cidadania na formação do indivíduo

É possível afirmar que existem dois tipos de histórias: aquelas que alimentam a alma e permitem a transmissão de valores e de imagens arquetípicas fundamentais para a

construção da subjetividade, e aquelas que servem para despertar o raciocínio e o interesse para agir de diversas formas e até mesmo para estar no mundo.

Seguindo os pensamentos de Propp (1984)

“os contos fantasiosos são muito atuais, satisfazem pois, mapeiam os impulsos e temores conscientes e inconscientes copiam experiências reais” Abordam os problemas universais, vão de encontro com idéias preconcebidas e saem em defesa das causas aparentemente perdidas. Relatam medos, amores, a felicidade de ser criança, carências, autodescobertas, perdas e ganhos, vida e morte. Revolvem os mais profundos pensamentos e trazem à consciência pensadora inovações dos pensamentos levando a novos caminhos.

A característica da fantasia está ligada às ações reais da formação humana, pois pode-se obter realizações através da vivência de processos literários por meio da contação de histórias

Coelho(1987), defende a teoria de que os contos de fadas são os mais indicados para ajudar as crianças a encontrar um significado na vida, recebendo grande influência na sua formação, pois, ao estimular a imaginação, desenvolvem o intelecto favorecendo a clareza de suas emoções.

O "contar histórias" é uma questão cultural que foi praticamente se perdendo com o passar do tempo, apesar de que ainda contamos muitos casos, histórias, fatos que aconteceram. Mas ainda é importante abrir espaço para os contos de fada e fábulas para crianças, porque tudo isso traz lições de vida. Contos de fada não acontecem somente no mundo da fantasia, ocorrem também na vida real. Isso ajuda a estruturar e a elaborar a personalidade da criança, fortalecendo sua parte emocional e psíquica e, até mesmo, contribuindo para a leitura do sonho, do prazer. O ato de contar de histórias é o momento em que a família se reúne para trocar experiências que aprenderam, e passar outras; é mesmo o momento do diálogo. Em cada conto também há trocas afetivas, porque quando se conta uma história, sentimentos e emoções são expostos, isso ajuda a cativar o sujeito que ouve, tornando-se um hábito. Se o "contar histórias" puder vir desde a tenra idade, será melhor. Por exemplo: à noite, quando a criança vai dormir, às vezes, ela tem medo de escuro, ouve barulhos e se sente desamparada. A hora da história será o momento de acalmar, de levá-la para o mundo da fantasia, fazendo-a sonhar, até mesmo tranquilizar para a horinha do sono. (ABRAMOVICH, 1991)

Portanto, a contação de histórias, de acordo com os autores citados, além de favorecer o desenvolvimento do indivíduo nas áreas psicológica, intelectual e cultural, ajuda a transformar as condições de um povo e traz novos valores inoculados na formação do leitor.

1.3 O contador de histórias

O contador de histórias nasceu a partir do momento em que o homem sentiu a necessidade de buscar explicações para os fatos que aconteciam. Porém, na Antigüidade, os homens não sabiam escrever, então conservavam as suas vivências na tradição oral. Enquanto as histórias contadas não haviam sido registradas através dos signos gráficos, ganhavam a

cada versão, detalhes e variações, dependendo do conhecimento, vocabulário, crenças, estilos, e até do público ouvinte de cada narrador.

Os camponeses contavam suas histórias sentados em volta de uma fogueira e seus personagens centrais eram reis, rainhas e tesouros. Vivenciavam esses personagens e suas façanhas, descobrindo os tesouros mais escondidos e aventurando-se pelos mais belos e ricos “palácios encantados”.

Para Coelho(1981), contar histórias é uma arte que requer uma tendência inata, uma predisposição latente em toda pessoa que se propõe a desenvolver um trabalho pedagógico ou artístico com crianças. É um conjunto de técnicas atribuídas ao ensino da didática que eclodem desse talento para serem desenvolvidas e estimuladas.

Importante destacar que o contador precisa estar consciente de que é a história apresentada que deve ser ponto central. Ele apenas ocupa o papel de transmissor, relata o acontecido que deve ser apresentado de forma natural, deixando as palavras fluírem.

Um exemplo claro de contador de história foi Jesus Cristo (PRICE, 1995). Ele fez uma clara opção pela prática da contação de histórias, ou seja, utilizou a fala. Pode-se tomar por exemplo o Sermão da Montanha, onde Jesus inicia o ensino centrado no discurso, na contação de histórias para transmitir seus ensinamentos cujos preceitos perpetuam até nossos dias, de acordo com as doutrinas do cristianismo.

Outro contador de histórias foi o filólogo francês Charles Perrault, que no século XVII coletou histórias da Idade Média, adaptou e imortalizou contos tais como: O gato de botas, Cinderela, Chapeuzinho vermelho, entre outros.

No século XIX, a concepção dos contos de fadas alterou-se com o aparecimento dos Irmãos Grimm, Jacob e William Grimm, filólogos e folcloristas, historiadores e pesquisadores, que recolheram diretamente da memória do povo a matéria-prima de seus contos, redescobrimo o mundo maravilhoso da fantasia que sempre habitou a imaginação humana. Contos que estão embutidos na literatura infantil e que são conhecidos por uma maioria de indivíduos.

Existe um grande acervo de contos maravilhosos que estão reunidos na coletânea “As mil e uma noites”, de origem árabe, cuja forma original surgiu no século XV e foi divulgada na Europa a partir do século XVIII.

Jean la Fontaine, denominado o mestre dos fabulistas modernos, introduziu a forma de fábula que conhecemos hoje. Esta é de origem rural e seu surgimento remonta a épocas muito antigas. Mostra a realidade vista por um ângulo diferente ao traduzir a necessidade natural do homem em relação à expressão de seus pensamentos.

Contos de fadas e fábulas são estilos que fazem parte da cultura literária infantil.

1.4 A formação do leitor

Lajolo (2001), pondera que ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida em que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida. Segundo a autora, a leitura é construída aos poucos, fortalece o raciocínio lógico e proporciona uma leitura de mundo. É importante ler, porém mais importante é saber contextualizar o que se leu, ou seja, a leitura deve ser um

[...] processo que envolva uma compreensão crítica do ato de ler que não esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1992)

Portanto, a formação de cada leitor é particular, de indivíduo para indivíduo, porém as ações para que se tornem ouvintes/leitores estão entrelaçadas para todos, recuperando cada um de forma peculiar de acordo com a sua sensibilidade e devendo-se respeitar o tempo e o momento de cada indivíduo.

Para Lajolo (2004), a escrita, os livros e a leitura estão presentes em várias expressões que enchem nossa boca e nossos ouvidos. Parafraseando a escritora, quem é que nunca ouviu a frase "o homem que lê vale mais"? Expressões como esta valorizam a intelectualidade e permeiam a cultura de um povo enriquecendo-as adicionadas a tantas outras expressões, que têm sentido positivo na formação do indivíduo.

A escrita, a leitura e o livro atestam e passam recibo do valor de uma pessoa, da transparência e inteligibilidade de um processo, da força da escrita como determinadora ou, pelo menos, de influenciadora de normas e de comportamentos. No entanto, ouvimos a todo momento dizer que o brasileiro lê pouco. E por que um povo que em tese não gosta de ler atribuiria tanto valor à leitura a ponto de fazer dela e dos livros metáfora de valores construtivos? Talvez a história não seja bem assim e a questão não esteja na quantidade de romances, ficções e aventuras consumidos anualmente. (LAJOLO, 2004)

Quando Lajolo (2004) nos leva a perceber a leitura como uma metáfora de valores construtivos, algumas questões se apresentam: Se existem expressões que certificam o valor das pessoas com base no que lêem também poderia ser atribuído valor ao que se ouve? Seria possível formar seres através do conhecimento oral? Aprimorar a escrita? Dar novos rumos, impregnar o conhecimento desde a infância, através da audição? Como conhecer quem é leitor e quem não é?

Na Idade Média segundo Lucas (2000), a leitura era conhecida como possibilidade de acesso de um sujeito a um tesouro, era uma via para o alcance da sabedoria, prescrita e recomendada como exercício, onde os textos sagrados eram disponibilizados apenas para aqueles que eram considerados cultos e marcados para serem leitores .

Durante milênios, a leitura foi uma forma de discriminação social. Desde os primórdios da introdução da escrita, saber ler e escrever esteve ligado aos escribas reais, as esferas do poder e da religião. A leitura sempre esteve ligada à capacidade de se medir o tempo, a comunicação, e memória.

Barthes (1994) apresenta a leitura na atualidade, como uma prática de lazer, um prazer , ao qual todos podem ter acesso, onde o ápice esta no próprio ato de ler, independendo do conteúdo de textos, onde a leitura torna-se uma via privilegiada de acesso ao imaginário.

Para este trabalho, é importante verificar até que ponto a biblioteca tem influência na formação do leitor e se atividades de dinamização como a hora do conto podem levar o indivíduo a obter o desejo de buscar novos assuntos, texto de seu interesse e prática de leitura.

As respostas sobre esses leitores nominais ou ocultos poderiam nos fazer conhecer o perfil de uma nação, cruzar dados que nos revelem quem lê e o que lê, proporcionando-nos conhecer os indivíduos e a sua cultura

1.5 Para que ouvir histórias

De acordo com Amarilha (2004), o ato de ouvir histórias é o primeiro passo para tornar-se um leitor, para descobrir que através do livro é possível encontrar idéias, satisfazer a curiosidade, encontrar soluções para um problema, descobrir a realidade cercada por conflitos, impasses, identificar-se com um personagem, superar as dificuldades, descobrir lugares novos. Assim, a contação de histórias interfere diretamente na vida e na formação do leitor que recebe informações e que, aos poucos, armazena e produz a decodificação deste dados, tornando-se capaz de solucionar seus próprios problemas.

Segundo Malba Tahan (1961), as histórias denotam o poder de observação, treinam a memória, exercitam a inteligência e a lógica, aguçam o poder imaginário e as emoções, aprimoram as relações sociais das criança. Ouvir histórias ordena o pensamento, enriquece o vocabulário, dá ordem lógica aos fatos desenvolvendo a capacidade de compreensão do leitor em processo de formação que, com a leitura dos signos gráficos, passa a ter compreensão daquilo que lê com capacidade de contextualizar o assunto transmitido.

A transmissão oral, que por muitos séculos foi a forma de preservar valores de inúmeras culturas, já denotava uma iniciação do leitor, como foi o caso do povo hebreu, que transmitiu sua cultura utilizando a oralidade e preservando a cultura de uma época e de uma nação.

Para Abramovich (1991), aprende-se a ler e a gostar de ler, aprende-se a ter satisfação com a leitura, aprende-se a acompanhar o que é dito moda na literatura, aprende-se a ter critérios e opiniões de leitura, aprende-se a julgar valores estéticos. Tudo isso se aprende lendo. Ou seja, a informação está vinculada à leitura, quanto mais se lê, mais informação será retida, e Abramovich afirma que: “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”

A iniciação com as maravilhas de uma história acontece, em geral, adentrando pelos ouvidos da criancinha. É a voz da mãe, do avó, do tio visitante, da primeira professora que chama sussurrante para a gostosura de embalar na lindura dum conto de fadas, num episódio da Bíblia ou na magia duma lenda, dum poema brincante, na aventura de outra criança parecida com ela[...]. Se a história for acalentante contada o encanto envolve abraçante e o gostinho de quero mais e mais... permanece marcante e marcado. (ABRAMOVICH, 1991)

Ao sentir coisas como estas, observa-se que, é possível serem introduzidos na formação da crianças, de acordo com a faixa etária e em processo de formação, assuntos que agucem o interesse que irão promover o aprendizado.

O gosto pela leitura, como prazer ou até mesmo como opinião, não é nato da natureza humana, inflexível e acabado. A sua formação tem a ver com as necessidades, com o tempo e com o espaço em que se movimentam as pessoas e os grupos sociais cada vez

mais envolvidos com o compromisso de formar cidadãos conscientes e formadores de opinião.

Teberosky(1993), pesquisador contemporâneo da questão do leitor, argumenta que “o ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte” e “bons leitores surgem a partir de bons falantes, capazes de recitar”. Observa-se através da ótica do autor, que tal referência pode ser muito proveitosa no caso da iniciação do leitor seguindo este raciocínio, pois se o indivíduo ouve histórias logo gostará de ler e será cada vez mais introduzido no contexto da universalidade da leitura .

Oralidade e escrita caminham juntos nos mais diversos lugares, salas de aula, bibliotecas etc. Desta forma, a contação de histórias e leitura completam-se para estimular o gosto literário e a iniciação do leitor.

Segundo Eco (1994), “ler é como uma aposta. Apostamos que seremos fiéis às sugestões de uma voz que não diz explicitamente o que está sugerindo”. É deixar a imaginação tomar conta do que sente, é dar asas à imaginação num mundo universal, é proporcionar a certeza de erros e acertos, é fomentar no indivíduo a percepção de compreender que a leitura induz a caminhos que podem ou não ter sido sugeridos pelo autor.

1.6 Outras influências na formação do leitor

Há evidências quanto à responsabilidade da família na formação do futuro leitor, segundo discorre Busatto (2003). A família é o principal agente no processo de formação de um leitor, pois é nela que a criança nasce e é ela a célula nuclear que realmente irá gerar todo o conhecimento. Quando a família é letrada, possui bons livros, sempre está envolvida com a leitura, tem o hábito de ler, tem atitudes de incentivo à leitura, a formação de um leitor será mais fácil. A criança assimila e identifica esse modelo e busca cada vez mais o conhecimento. Por outro lado, se a família não tem acesso a livros, isso não deve ser empecilho para a formação do novo leitor, basta que haja a responsabilidade de conscientizar a criança de que a leitura e a escrita são instrumentos básicos para que o indivíduo se torne mais consciente e mais participativo e, conseqüentemente, uma pessoa mais completa e feliz.

Quanto mais novinha for a criança, quando a mãe estiver amamentando e cuidando do bebê, conversando com ele, contando historinhas, cantando músicas de ninar, mais irá contribuir e estimular sua formação. Teatro, cinema e objetos manuseáveis, como revistinhas em quadrinhos, livros ilustrados, livrinhos de banho, podem possibilitar um acesso maior a ilustrações e ao conteúdo. A partir da visualização do código escrito, possibilitada pela história contada por adultos, a criança tem mais facilidade para fazer associações e até para se alfabetizar e, no futuro, ser um leitor que leia com prazer. (COELHO, 2000)

Esta ação possibilita maior acesso ao conhecimento. Cabe à família, através de diálogos (pais, tios, avós e até mesmo irmãos), introduzir no universo da criança a contação de histórias para incentivar o interesse e, principalmente, o hábito que levará a criança ao mundo do conhecimento.

Ler qualitativamente é uma das grandes vertentes para a influência na formação do leitor, criando e sedimentando os conhecimentos adquiridos com a leitura, que deve estar diretamente relacionada com a sua vida e experiências. Se esta ligação não ocorrer, a leitura ficará privada de sentido. E o bibliotecário deve estar conectado a esta prática que delibera e introduz conceitos que fomentam a compreensão. Segundo Sisto (2002). “é necessário e urgente que a cultura com base na leitura tenha vez, para que as mentes saiam da letargia avassaladora do progresso desumano e comecem a formar o mundo melhor e maior”. Assim fica cada vez mais notável que, quanto maior a proporção de incentivo à prática da leitura, maior será a transformação humana.

Projetos de incentivo à leitura promovidos por bibliotecas, como roda de leitura, leitura dinâmica etc. possibilitam à biblioteca apresentar formas de dinamizar e introduzir o ato de ler como algo prazeroso que tem em sua essência o conhecimento.

1.7 O Papel da Biblioteca

Segundo Milanesi (2003), desde que o homem passou a registrar o seu pensamento por meio da escrita, procurou reunir seus registros e organiza-los de forma que estivesse em torno deles. Das tabuinhas de argila ao livro de papel – e porque não a própria internet que não é mencionada pelo autor – passando pelos enormes rolos de papiros e pergaminhos, a preocupação de preservar sempre esteve presente na cultura humana. Todos os registros informacionais históricos de um povo.

O conhecimento humano é produzido a partir do acúmulo do conhecimento anterior preservado. Em torno dos papiros em Alexandria estavam os sábios; as bibliotecas dos mosteiros medievais inteiras em manuscritos foram o elo entre o pensamento da antiguidade e renascença que ampliou o mundo em vários sentidos, inclusive com a utilização da imprensa como alavanca de difusão do pensamento.

Milanesi (1997) reforça que por séculos, as bibliotecas foram se expandindo e gradativamente acumulando todo o saber produzido pelo homem. Atividades culturais passam pela formação do homem e não é possível chegar a uma nova invenção sem conhecer as anteriores. Talvez este seja o grande mover da biblioteca, a sua presença tão significativa na vida do homem e a sua imensurável necessidade, a biblioteca de acordo com o autor é a base a qual o individuo amplia o nível de seu conhecimento e permite avançar sem limites, é um núcleo que se expande ao infinito e do qual deriva uma série de ações. Estas por sua vez estão relacionadas as atividades de incentivo a leitura, onde poderão atuar como promotoras do gosto pela leitura e formando indivíduos leitores que saibam contextualizar e através de uma leitura de mundo tornarem-se pessoas intelectualizadas e cultas.

No discurso de Milanesi (2003), nos países mais desenvolvidos, as bibliotecas evoluíram em paralelo ao desenvolvimento da sociedade como um todo. e quando refere-se ao Brasil menciona as bibliotecas no caso as publicas como: um acervo literário. Só.

Pode-se afirmar, concordando com o autor que as bibliotecas não estão ocupando todo o espaço que lhe é destinada, permanecendo envolvida em apenas uma única função. Estagnada no simples ato de guardadora de livros.

Sabe-se que por quatro séculos, o registro de informações foi efetuado basicamente com o concurso da imprensa. E que livros, revistas e jornais ocuparam o lugar de únicos veículos que disseminavam informações. Com o advento do cinema, de disco fonográfico, houve a quebra do monopólio da imprensa. E a biblioteca hoje já não tem mais em seu acervo apenas coleções de livros e já define-se como um espaço informativo, mudando o fato, desde a biblioteca de Alexandria que existiu até o século IV da era cristã, com sua função de guardadora de livros. E com as novas tecnologias dos últimos anos do século XX, com os novos equipamentos a biblioteca muda sua configuração.

Ainda seguindo os pensamentos de Milanessi(2003), cria-se a possibilidade de organizar redes ou sistemas de bibliotecas, integrando-as numa ampla base de informação, e é possível afirmar que nesta perspectiva a biblioteca tradicional perdeu o seu sentido, deixando de responder as necessidades do meio. O acervo disponibilizado planetário e acessível, as mudanças são radicais tanto para a biblioteca como para a própria cultura, rapidamente repensada à velocidade da tecnologia.

Siqueira (1987),discorre, que é necessário cultivar na criança o hábito da leitura e gosto , considerando a grande gama de assuntos que são lançados a cada segundo. Pode-se desenvolver na criança a percepção, utilizando-se de imagens que através de textos, histórias contadas ou até mesmo dramatizadas, abrindo portas para que penetre, na imaginação da criança e a desperte para o interesse pela leitura.

1.8 Biblioteca escolar

Segundo Siqueira (1987), atividade de incentivo a leitura como contação de histórias, realizadas por bibliotecários e arte-educadores utilizando uma linguagem artística, habituando a fazer com que pessoa atuem criativamente em grupo, possibilita efetivação da ação cultural na biblioteca, o que por sua vez estimula o gosto pela leitura.

A biblioteca precisa ser um espaço agradável as crianças e aos adolescentes, eles devem sentir vontade e prazer em se dirigir a ela. E neste espaço a criança poderá torna-se um leitor com hábitos de leitura, engajado-se à inteligência a sensibilidade, passando a viver um processo criativo.

Esta biblioteca escolar deve atender o usuário-criança, principalmente , ao desenvolvimento de habilidades culturais e artísticas que estimulem a percepção e a criatividade, incentivem a leitura de textos, imagens, situações, palavras, possibilitando a descoberta do prazer de ler, e ainda instrumentalizar a crianças para usar os recursos da biblioteca na obtenção de informação. A biblioteca poderá funcionar como uma brecha, deixando de ser uma fôrma que possibilite somente a reprodução. Milanesi em Odenar para desordenar sugeri

É aí que entra a Biblioteca, não a real, mas a imaginária, aquela que deverá vir a ser, aquela que deverá ser. Como um centro de informações, a biblioteca por definição será um instrumento de desordem. Isso, desde que exista um filtro que censure a informação que contradiga a ordem. A biblioteca tendo em seu acervo múltiplos discurso que desdobram ao infinito não dá uma direção, mas propõe alguns caminhos, deixando ao individuo a tarefa de avaliar e decidir(MILANESI,1987)

Após vinte anos deste discurso de Milanessi ainda percebe-se que a biblioteca ainda engatinha nesta função de promover situações para que a criança descubra-se no mundo da leitura. E a biblioteca deve atuar, como veiculo que propõe caminhos, e que a criança descubra o que ira ler por prazer e o que buscará como informação e conhecimento científico que estão inter-relacionados, na formação do individuo .

Para Almeida (1987), o desenvolvimento de atividades de “animação cultural” contribui para transformar a biblioteca escolar em espaço de convivência e troca de experiências, que daria nova dimensão para a profissão de bibliotecário como agente formador de publico leitor. Este conceito que foi apresentado nos anos 80 que buscava apresentar o bibliotecário como animadores culturais, que na época não estava muito bem delineado na cabeça destes profissionais, da mesma forma que as atividades de animação não estavam bem estruturadas no conjunto de serviços da biblioteca, onde bibliotecários, com a auto imagem negativa que traziam, em função de estereotipo secular.

Cabe mencionar que, hoje o profissional bibliotecário, ocupa um novo lugar na sociedade não mais como um guardião de livros e sim como um profissional da informação que deve ocupar o seu verdadeiro lugar, desenvolvendo atividades que proporcionem que indivíduos leitores não só leiam signos gráficos mas que tenham uma leitura de mundo.

E a biblioteca escolar deve disseminar a informação, não somente o acesso físico: trata-se de acesso ao seu conteúdo, a capacidade de poder ler, entender, de incorporar, de vivenciar, de se integrar, de reconhecer, e de decidir sobre o que lhe diz respeito.

Almeida (1987), reforça que disseminar é diferente de dar acesso, funciona como instrumento de estímulo ao consumo da informação, mas que envolve, obrigatoriamente, reflexão sobre o significado dessa informação no contexto social, nem discute as implicações da posse dessa informação. É preciso dar acesso, também é preciso ensinar conhecer e compreender, através de atividades que ajudem o aluno a ter o interesse e gosto pela leitura, pois é através da leitura que armazena-se informações e decide-se como utilizá-la

Segundo Blattmann(1999), o desenvolvimento das novas tecnologias, nas últimas décadas, afetam todos os setores da atividade humana, proporcionando maior rapidez de comunicação, o que reduz os esforços nas rotinas diárias ampliando as possibilidades de acesso à informação em todo mundo.

É preciso acompanhar estas mutações na captação de informação e a biblioteca deve ocupar seu lugar como facilitadora a introdução da informação e continuar com seus papel de formadora do publico leitor que além de ler compreenda o que leu em todo o seu universo.

Não é possível a biblioteca continuar pressa apenas em um único tipo de suporte, a leitura deve partir do individuo e independente do suporte que utilizará.

E a Biblioteca deve continuar com seu trabalho com práticas de incentivo a leitura ocupando seu lugar de formadora de leitores e com dinâmicas como hora do conto, observando que a formação do leitor depende de prática e da informação que recebe.

Quanto maior o volume informacional, maior a necessidade de leitura e de compreensão, falam-se muito de atividade voltadas para o gosto da leitura, porém o que percebe-se é que a biblioteca continua ainda como se estivesse nas bibliotecas dos mosteiros quando a leitura ainda era algo voltada apenas para os clérigos.

A promoção da leitura, é divulgada e muito falada como apresentado nos capítulos anteriores na prática, é que a biblioteca continua estagnada deixando seu papel para professores, e continua numa posição de anexo da escola ao invés de ser a alma da biblioteca

2 METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa, que buscou avaliar a influência da contação de histórias na formação do leitor, foi realizado entre os meses de setembro de 2006 e fevereiro de 2007, em Campo Grande – MS, junto a três instituições de ensino superior, a saber:

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Curso Ciência da Computação - 2º e 4º semestres.

Vinte acadêmicos pesquisados, sendo onze homens e nove mulheres.

Universidade Católica Dom Bosco.

Curso Direito - 7º e 8º semestres.

Vinte acadêmicos pesquisados, sendo doze homens e oito mulheres.

Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal

Curso Odontologia – 3º e 5º semestres.

Vinte acadêmicos pesquisados, sendo cinco homens e quinze mulheres.

Os critérios para a seleção da amostra, que buscou ser fiel a todas as variáveis do universo investigado, foram os seguintes:

-Pesquisar acadêmicos das três maiores instituições de ensino superior da capital (uma pública e duas particulares), sendo que em cada uma dessas universidades foi escolhido um curso que representasse uma das três grandes áreas do conhecimento humano, quais sejam: Exatas (Ciência da Computação – UFMS), Humanas (Direito / UCDB) e Biológicas (Odontologia / UNIDERP).

-Para cada curso foram eleitos 2 semestres diferentes para se aplicar o questionário, buscando-se, quando possível, diversificar a clientela.

-Investigar pessoas de ambos os sexos (foram pesquisados 38 homens e 32 mulheres).

-Ouvir universitários de diversas faixas etárias (responderam ao questionário pessoas entre 18 e 56 anos, obtendo-se como média de 23 anos).

A escolha desse público para a coleta de dados se deveu ao fato: a) dele ter sua capacidade de leitura já sedimentada e de poder avaliar se, quando pequenos e em processo de alfabetização, foram estimulados a gostar de ler; b) por serem indivíduos que já passaram pelo processo de formação no ensino fundamental e médio e que, hipoteticamente, já obtiveram suporte para serem considerados leitores; c) por serem potenciais frequentadores de Biblioteca e para que se conheça o motivo pelo qual frequentam as mesmas.

Na busca de conhecer o perfil e a base da formação intelectual do indivíduo e as possibilidades de seu desenvolvimento, optou-se, metodologicamente, por uma pesquisa descritiva, de cunho exploratório, com a preocupação fundamental conhecer se esta atividade da cultura oral enquanto uma prática real da audição de histórias estaria influenciando a formação do leitor. A partir da análise de conteúdo deste fenômeno e prática literária, que interconectados, entre biblioteca, família e escola, foi possível, compreender essenciais influências no desenvolvimento do indivíduo leitor e identificar algumas facetas ocultas no processo de formação intelectual dominante relacionadas ao fato de se ouvir histórias. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário com variáveis (anexo 1), e cujos resultados foram analisados e apresentados de forma quanti-qualitativa.

Os métodos qualitativos de pesquisa ajudam a compor o novo paradigma da investigação científica. Uma das características, na abordagem qualitativa, que se identifica com os objetivos desta pesquisa, é que "tudo que o ser humano é resultado do que foi plantado em sua formação e deu condições para ser" (CULLER,1989).

3 ANÁLISE DOS DADOS

Em pesquisa realizada entre acadêmicos, procurou-se estudar a natureza do alunor/leitor através de análise envolvendo uma série de variáveis inter relacionadas que, em conjunto, nos permitiu conhecer um pouco mais sobre os hábitos de leitura adquiridos por eles ao longo de sua vida como estudantes.

A pesquisa quali-quantitativa permitiu distinguir o perfil de acadêmicos cuja a contação de histórias influenciou em sua formação enquanto sujeito leitor ou não. Para obter resultados à questão como a contação de histórias influencia na formação do leitor, com hábito e gosto pela leitura, é preciso levar em conta as condições de acesso aos momentos de contação de histórias, seja na escola, na biblioteca ou no ambiente familiar, pois esse dado depende da situação cultural e intelectual dos indivíduos, sendo fator que distingue os ouvintes dos não-ouvintes, conforme afirma Abramovich (1991).

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em que as ouve com

toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz(ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com olhos do imaginário!

Conhecer a frequência dos acadêmicos em bibliotecas é um ponto de fundamental importância nesta pesquisa e com base nesta questão será possível avaliar o processo de formação do indivíduo leitor e obter informações tais como: frequentou biblioteca na infância? Participou de atividades de incentivo a leitura? Ouvia história quando criança? Quem contava? E com base nas informações subtraídas do questionário aplicado foi possível ter um perfil por amostragem desta clientela. Dos 60 pesquisados nos três cursos superiores das três instituições de ensino, 48 responderam que gostam de ler e 12 que não gostam.

Verificar o tipo de leituras que cada um lê em suas horas de folga foi uma questão abordada, considerando a fidelidade dos entrevistados às respostas relacionada ao gosto pela leitura, pois, se há o gosto pela leitura, é natural que haja a prática da leitura tanto nos momentos de busca pelo conhecimento como também nas horas de folga.

Para Alba (2006) o gosto pela leitura, é algo que construímos desde o início de nossas vidas, através das histórias que os adultos lêem e contam para a criança. Uma mesma história pode possuir significados diferentes para cada criança e isto a levará ao seu crescimento intelectual e a sua formação como indivíduo.

E ao espessamento das práticas de leitura, ainda que intermitente e cheio de recuos, corresponde um amadurecimento do leitor que, na inevitável interação com os múltiplos elementos de práticas mais complexas de leitura, rompe restrições, libera-se da tutela, enfim, alcança a emancipação possível. (LAJOLO, 1996).

Dentre os 60 pesquisados, 26 disseram que preferem ler livros de romances clássicos e modernos da literatura nacional e estrangeira, 13 preferem os artigos científicos, indicados por professores dos cursos que frequentam 07 apreciam leituras em sites,(internet) 2 lêem revistas e jornais, e 12 não responderam.

Com base em pesquisas de fundamento teórico, observa-se que o gosto pela leitura se processa em longo prazo, portanto a família, a biblioteca e a escola contribuem de forma efetiva nessa formação, visto que são pontos de extrema importância para a formação do leitor .

A leitura é vista por Barthes, na atualidade, como uma atividade voluntária, que é feita sem espírito de troca, apenas para o prazer do leitor. O prazer da leitura esta no próprio ato de ler, independente do conteúdo dos textos, sendo a leitura uma das vias privilegiadas de acesso ao imaginário, podendo, como realça Barthes, assumir o caráter eufórico de uma previsão (LUCAS, 2000)

Com relação ao tipo de leitura que cada acadêmico pesquisado tem interesse e como começou apreciar e praticar essa leitura, detectou-se que em 26 pessoas, tal interesse se deu por influência da família, em 18 foi pelo fato de simplesmente ter se identificado e sentido prazer pelo ato de ler, e em 4 por indicações de pessoas de seu convívio diário. Tal resultado apontou uma linha de grande influência da família no

processo de formação de cada leitor que, uma vez recebendo informações dentro do próprio lar, terá mais condições de obter o gosto pela leitura.

Se deve ser um hábito, a leitura deve começar a ser sugerida ao indivíduo o mais cedo possível. Por isso, a casa, a família, os pais são os primeiros incentivos à criança: o adulto que pega uma criança no colo e a embala com aquelas cantigas tradicionais, que brinca com o bebê usando as histórias, adivinhações, rimas e expressões de nosso folclore, que folheia uma revista ou um livro buscando as figuras conhecidas e perguntando o nome delas, está colaborando — e muito! — para uma atitude positiva diante da leitura. Pais e filhos, mesmo os de colo, podem partilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo dos livros. Folheando-os e mostrando figuras, os pais estarão ensinando o nome das coisas conhecidas e desenvolvendo nos filhos um saudável interesse pelos livros, hábito para toda a vida. Numa casa onde os pais gostam de ler, mesmo que não disponham de uma boa biblioteca, a criança cresce valorizando naturalmente aqueles objetos cheios de sinais que conseguem prender a atenção das pessoas por tanto tempo. A criança percebe, desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer. Os pais que não têm, eles próprios, o hábito de ler deveriam pensar na importância de tentar mudar de comportamento, tanto em benefício dos seus filhos quanto de si mesmos. (SANDRON, 2005)

Dentro das questões abordadas buscou-se saber também qual o primeiro livro lido e com isto obter a resposta de como foi a primeira experiência literária de cada indivíduo. Os livros mais lidos foram os de literatura infantil, e, de acordo com os teóricos, fazem parte iniciação do leitor. Outros que surgiram em seguida foram os de literatura infanto-juvenil e os clássicos da literatura brasileira.

Conhecer também se estes indivíduos tiveram experiências agradáveis ou desagradáveis foi um outro ponto importante, pois dependendo de como cada um se relacionou com suas primeiras experiências literárias foi possível observar sua jornada como leitor foi sedimentada.

Dos 60 pesquisados, 41 tiveram experiências agradáveis e 19 experiências desagradáveis com suas primeiras leituras. Constatou-se, ainda, que, mesmo dentre os que responderam gostar de ler (dos 60 pesquisados 48 responderam gostar de ler), 7 tiveram experiências desagradáveis, o que pode ser um ponto de futuras investigações.

Os acadêmicos pesquisados ainda observaram que as suas experiências com a leitura foram agradáveis quando as fizeram voluntariamente e os que responderam que foram experiências desagradáveis foi pelo fato de terem sido obrigados a ler. O que se pode observar é que tanto a contação de histórias como o ato da leitura propriamente dito tem que ser introduzidos como atividades agradáveis e a participação deve ser voluntária.

Outro ponto importante para esta pesquisa foi saber se os indivíduos pesquisados foram incentivados a ler em sua infância. Com relação a essa questão, 45 responderam que sim, e 15 que não. Percebeu-se que dos 48 que responderam gostar de ler, somente 3 não foram incentivados a ler na infância e que adquiram esse hábito posteriormente. Saber quem foram os responsáveis pelo incentivo à leitura dos entrevistados foi outro ponto para nortear o resultado deste trabalho. Os pesquisados responderam que os familiares ocuparam o primeiro lugar, seguidos dos professores, atividades em bibliotecas e houve ainda os que disseram ter recebido este incentivo de amigos.

[...] a Biblioteca possibilita acesso à literatura e as informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente (RIBEIRO, 1994)

A biblioteca tem o bibliotecário como agente facilitador de introdução à atividade de dinamização de leitura e aplicação de dinâmicas, e este pode levar o indivíduo a obter informações que necessita e aplicá-las.

Do total de pesquisados, 26 responderam que freqüentaram bibliotecas em sua infância, 25 que não freqüentaram e 9 não responderam nenhuma das duas alternativas. Observa-se que dos 48 que responderam gostar de ler, 14 não freqüentavam bibliotecas e, mesmo assim, gostam de ler.

Quanto à variável relacionada às atividades de incentivo à leitura nas bibliotecas freqüentadas pelos pesquisados, 4 responderam que sim, 46 que não, e 10 não responderam nenhuma das alternativas. A única atividade de dinamização mencionada pelos pesquisados foi a hora do conto.

Saber se os entrevistados ouviam histórias quando criança foi um ponto também de muita relevância para o resultado desta pesquisa. Dos 60 entrevistados, 24 responderam que sempre ouviam histórias, 12 responderam que às vezes, e 24 que nunca ouviram histórias quando crianças. Quanto a gostar de ouvir histórias, 32 responderam que gostavam enquanto 28 responderam que não.

A família foi a responsável pelo maior número de pessoas que responderam ouvir história na infância, seguida dos professores, amigos e apenas 3 pesquisados mencionaram pessoal da biblioteca como contadores de histórias.

Os contos de fadas ocuparam o primeiro lugar em preferência do pesquisados, seguido de lendas, aventuras e mistério.

Dos 60 entrevistados, 31 responderam que a contação de histórias os influenciou para que se tornassem leitores, enquanto 29 responderam que não, que nenhuma influência receberam com tais atividades.

Apenas 12 pesquisados fizeram comentários, 9 dizendo que deveria haver bibliotecas funcionando nas escolas e 3 manifestaram a opinião de que professores deveriam contar histórias em sala de aula para ajudar na compreensão e no hábito da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados obtidos através da pesquisa, observou-se que a área que cada indivíduo escolheu para sua formação profissional (Exatas, Biológicas ou Humanas) não teve interferência relevante em seu processo de formação como leitor.

Percebeu-se que a família tem grande influência na formação do indivíduo como leitor e, principalmente, no seu hábito de leitura, visto que aqueles que receberam constante incentivo através de práticas de contação de histórias e também do acesso à leitura declaram terem adquirido esse gosto.

Outro ponto importante que chama atenção está relacionado à biblioteca, pois os pesquisados que responderam freqüentar bibliotecas disseram que elas não possuíam nenhum tipo de atividade de incentivo à leitura, o que nos faz perceber que as bibliotecas escolares continuam sendo apenas locais para empréstimos de livros.

Constatou-se, também, que, se as atividades de incentivo à leitura não acompanharem todo o processo de formação do indivíduo, aquele que ouvir histórias, se não for acompanhado pela escola, pela biblioteca e a família corre o risco de não receber e assimilar esta informação como uma prática que leva ao hábito e, principalmente, ao gosto pela leitura.

Portanto, percebeu-se que a freqüência de crianças no espaço da biblioteca, não apenas como consulentes, e, sim, como indivíduos participativos de atividades de incentivo à leitura, aproxima, ensina e proporciona o crescimento intelectual e moral deste grupo que, possivelmente, se tornará incentivador dos demais que ainda não participam de atividades voltadas para a leitura.

Percebeu-se que a contação de histórias é importante na formação do leitor, porém desassociada da rotina não terá efeito. É necessário a prática interligada à rotina. E este deve ser um trabalho aplicado pela família, pela escola e, principalmente, pela Biblioteca, que pode assumir o grande papel formadora de leitores capazes de ler não somente os signos gráficos que são introduzidos na alfabetização, mas que tenham condições de contextualizar todos estilos de textos que decodificarem.

Portanto, quando teóricos como Abramovich,(1991) mencionam:

Ah, como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas e de compreensão do mundo, absolutamente infinito [...]

Relaciona-se à rotina para que se alcance a concretização da aprendizagem e torne-se um caminho absolutamente infinito de conhecimentos e descobertas.

É possível que ações isoladas possam dar resultados a curto prazo, mas seus resultados não serão suficientes. O fundamental mesmo será fazer com que, através da Biblioteca, planejando e aplicando atividades de incentivo à leitura como a contação de história, a prática da leitura se torne um instrumento para que cada indivíduo empreenda a conquista da formação intelectual e, principalmente, a contextualização do que lê. Só teremos resultados duradouros quando a leitura for um hábito que se reproduza naturalmente.

[1]Apud LUBA, Alba. Uma arte dos dias de ontem para revitalizar os recursos humanos hoje. Acesso em 09 de maio. em <http://www.sab.org.br/contar/>

